

VIOLÊNCIA E MÍDIA: FUNDO DE TODAS AS PÁGINAS?

O Brasil é o segundo em desemprego no mundo. É a manchete principal do jornal A Tarde do dia 29 de maio de 2002. A notícia foi veiculada nos telejornais do dia anterior e faz parte da agenda da mídia escrita do dia 29. No jornal Folha de São Paulo, o assunto é tratado no caderno B, página 5 que, entre outras coisas, destaca que de acordo com o estudo, intitulado “Globalização e Desemprego: breve balanço da inserção brasileira”, o País conta, atualmente com 11,454 milhões de desempregados.

A manchete principal da Folha de São Paulo, entretanto, refere-se a outro assunto: PIB cai pelo 2º trimestre consecutivo. De acordo com o noticioso “nos 12 meses completados em março, o PIB teve alta de 0,29%, taxa inferior à do crescimento da população – 11,3%”.

A página 17 do primeiro caderno do jornal A Tarde traz: “Tortura suja imagem do Brasil no mundo”. Trata-se de uma notícia que vem de Londres e se refere a denúncias da Anistia Internacional. De acordo com a matéria pode-se verificar que a tortura está longe de ser alguma coisa do passado: “... em 16 anos de democracia, o Brasil não conseguiu reduzir a tortura e os maus tratos praticados em suas prisões, centros de detenção, nas ruas e até nas academias militares”.

No caderno Cotidiano da Folha de São Paulo é noticiado mais um fato-exemplo do Brasil urbano atual: “Tiroteio fere 4 e fecha túnel por 1 hora”. O fato ocorreu no Rio de Janeiro e se refere ao confronto entre forças policiais e grupos de traficantes. O próprio jornal, no corpo da matéria, se encarrega de recordar que os confrontos têm se repetido com grande volume de óbitos.

Como de hábito, nas proximidades das festas juninas, os jornais baianos tratam de alguns elementos relacionados à atmosfera de São João. Desta vez, A Tarde, na página 7 de seu primeiro caderno publica: Clandestinidade marca o fabrico de fogos. O noticioso relembra do grave acidente ocorrido em 1998 matando 64 pessoas que trabalhavam com a fabricação de fogos de artifício em Santo Antônio de Jesus. De acordo com A Tarde, as famílias buscam justiça e querem a condenação dos responsáveis pela tragédia. Apesar do acontecido, as práticas atuais são as mesmas de sempre: “as fábricas clandestinas de fogos continuam funcionando sem qualquer problema ou fiscalização, tanto no que diz respeito a manuseio de produtos controlados quanto na questão das condições de segurança e trabalhistas, cometendo as mesmas irregularidades registradas antes do acidente”.

Aos poucos, em todos os cantos da mídia aparecem sinais de risco. Há uma coerência entre os grandes números, como o desemprego e a queda do PIB, e os casos singulares como as violências e as dificuldades de se promover a justiça. Aos poucos, a insegurança vai descaracterizando a rua como via pública, não apenas quando os túneis se fecham mas, também, quando as vias e logradouros públicos passam a ser sentidos como espaços do medo. Aos poucos, as chances concretas e simbólicas vão sendo ultrapassadas pela ampliação dos riscos. Cada vez mais as saídas são postas a partir de uma lógica de loteria, como pode ser visto na matéria do jornal A Tarde: Meninos de periferia sonham com um futuro de Ronaldinho.